

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JESSICA MOTHÉ

A LITERATURA DE MASSA NA FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO

Rio de Janeiro

2016

JESSICA MOTHE

A LITERATURA DE MASSA NA FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. M.e Lucia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2016

M918l

Mothé, Jessica.

A literatura de massa na formação de um leitor crítico. /
Jessica Mothé. – Rio de Janeiro, 2016.

55 f. : il.

Monografia (Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal
do Rio de Janeiro, 2016.

Orientadora: Lucia Maria da Cruz Fidalgo.

1. Leitura. 2. Formação de leitores. 3. Literatura de
massa. 4. Best seller. I. Fidalgo, Lucia Maria da Cruz. II.
Título.

CDD: 028.5

JESSICA MOTHE

A LITERATURA DE MASSA NA FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, de julho de 2016.

Profa. Dra. Ana Senna

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria de Fatima Sousa de Oliveira Barbosa

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. M.e Lucia Maria da Cruz Fidalgo (Orientadora)

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2016

Dedico este trabalho a minha mãe e ao meu irmão, pois sem o amor de vocês eu jamais teria ido tão longe!

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força e saúde para ser perseverante na minha caminhada, não só acadêmica, mas em todos os sentidos da minha vida.

À minha mãe e ao meu irmão, que mesmo nos momentos mais difíceis, nunca deixaram de me apoiar. A fé e o amor de vocês são minhas fontes de energia!

À minha madrinha, por ter compartilhado comigo sua paixão pela leitura e por me inserir no universo de Harry Potter e Senhor dos Anéis.

Às minhas amigas Jéssica Rita, Josiane, Natanieli e Quelita, por terem me levado a Biblioteca Popular de Bangu. Esse incentivo foi essencial para a escolha da minha profissão e para a sustentação do meu vício: a leitura!

Aos meus amigos Alexia, Nasaré, Saulo, Talita e Thaiane pela parceria e cumplicidade ao longo de toda a faculdade. Com vocês minhas tardes passaram a ser mais coloridas e o caminho percorrido durante esses quatro anos mais divertido!

Aos meus professores por lecionarem de forma tão brilhante e, que mesmo diante de tantas adversidades, acreditam que podem fazer a diferença.

A todos os funcionários e usuários da Biblioteca de Saúde Pública/Fiocruz, da Biblioteca do CFCH/UFRJ e da Biblioteca Popular do Rio Comprido por terem me recebido tão bem e por compartilharem suas experiências comigo. Tive uma vivência enriquecedora nesses lugares.

A todos os funcionários e leitores da Biblioteca Popular de Irajá por me acolher de forma tão carinhosa e entusiasmada. Com certeza foi a biblioteca na qual mais gostei de estagiar. Aprendi muito com todos. Vocês são incríveis!

Às professoras Ana Senna e Fátima Barbosa pela disponibilidade na participação da banca avaliadora deste trabalho.

À minha orientadora, Lúcia Fidalgo, que mesmo diante dos meus sumiços acreditou na minha pesquisa. Obrigada pela paciência e pelo apoio na elaboração deste trabalho.

“Toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida, porque todos nós vencemos o mundo. – Auggie” (PALACIO, 2013, p. 313).

RESUMO

Propõe analisar se os conteúdos dispostos nos livros de literatura de massa dispõem de alguma informação relevante que faça o leitor pensar criticamente. Justifica-se pela necessidade de conhecimento da demanda dos leitores por esse tipo de literatura, a fim de que os bibliotecários possam orientá-los quanto a escolha do livro que irá suprir sua necessidade de informação e também pela situação incipiente dos estudos sobre essa temática na área de Biblioteconomia. Para isso, o presente trabalho traz a compreensão do que seja leitura, assim como alguns dos procedimentos necessários para se formar leitores críticos. Apresenta as divergências e as semelhanças entre literatura culta e literatura de massa e o conceito de gêneros literários. Utiliza como procedimento metodológico um estudo de caráter exploratório e descritivo a partir de uma abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, além da observação sistemática. A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo de três livros que figuram na lista de melhor ficção para jovens adultos feita pela *Young Adult Library Services Association* (YALSA), sendo eles: *Por lugares incríveis*, *Will & Will* e *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*. Apresenta como resultado a presença de conteúdos informacionais relevantes na formação de um leitor crítico. Conclui-se que a literatura de massa é um instrumento de amadurecimento do repertório de leituras do leitor.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitores. Literatura de massa. Best seller.

ABSTRACT

It proposes to examine whether the contents arranged in the mass literature books have some relevant information that makes the reader think critically. Justified by the need to know the demand of readers for this type of literature, so that librarians can guide them as the choice of the book that will meet their need for information and also by the incipient situation of studies on this topic in Library area. For this, the present work brings understanding of what is read, as well as some of procedures necessary to form critical readers. It presents the differences and similarities between cultured literature and mass literature and the concept of literary genres. It uses as a methodological procedure an exploratory and descriptive study from a qualitative approach. Data collection occurred through a bibliographic and documentary research, as well as systematic observation. Data analysis was performed through the three books content analysis contained in the best fiction list for young adults made by the Young Adult Library Services Association (YALSA), as follows: *All the bright places*, Will Grayson, *Will Grayson* and *Yaqui Delgado wants to kick your ass*. It presents results in the presence of relevant information contents in the formation of a critical reader. We conclude that the mass of literature is a maturing instrument reader reading repertoire.

Keywords: Reading. Formation of readers. Mass literature. Best seller.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Um livro puxa outro: a partir da série Harry Potter.....	20
Figura 2 -	Um livro puxa outro: a partir da série Crepúsculo.....	21
Figura 3 -	Um livro puxa outro: a partir dos romances de Nicholas Sparks.....	22
Figura 4 -	Um livro puxa outro: a partir do livro A cabana.....	23
Figura 5 -	Um livro puxa outro: a partir do livro A menina que roubava livros.....	24
Figura 6 -	As subdivisões dos gêneros literários por público leitor.....	28
Figura 7 -	Capa do livro Por lugares incríveis.....	33
Figura 8 -	Primeira capa do livro Will & Will.....	37
Figura 9 -	Segunda capa do livro Will & Will.....	38
Figura 10 -	Capa do livro Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVO GERAL.....	11
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.4	JUSTIFICATIVA.....	12
2	LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES.....	13
3	LITERATURA CULTA E LITERATURA DE MASSA.....	17
3.1	GÊNEROS LITERÁRIOS.....	26
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
4.1	ABORDAGEM E NÍVEL DE PESQUISA.....	30
4.2	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	30
4.3	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	31
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	32
5.1	POR LUGARES INCRÍVEIS.....	32
5.2	WILL & WILL.....	37
5.3	YAQUI DELGADO QUER QUEBRAR A SUA CARA.....	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Segundo Yunes (2012, p. 43), a leitura tem um poder transformador, “É lendo que se oferta cidadania, o desejo de ser dono da própria história, de ter uma inserção no mundo, na sociedade e tudo isto vem da qualidade de uma informação articulada”. Saber o lugar da leitura na vida das pessoas, é falar um pouco sobre a construção do leitor literário. Mas será que leitor literário é somente aquele que lê uma literatura tradicional de “qualidade”?

De acordo com Petit (2008), a leitura possui quatro aspectos: “O primeiro aspecto [...] é o de que a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social” (p. 61). “O segundo aspecto da leitura [...] é uma via privilegiada para se ter acesso a um uso mais desenvolvimento da língua” (66). O terceiro aspecto envolve a construção de si próprio, pois “a leitura pode ser [...] um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos” (p. 72). O quarto aspecto está relacionado aos círculos de pertencimentos mais amplos, isto é, “ler [...] é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos [...] que ainda não havíamos explorados, ou que não havíamos conseguido expressar” (p. 94).

O terceiro e quarto aspecto trazido por Petit (2008) é a causa de grande parte dos leitores escolherem ler literatura de massa. Esse tipo de literatura aborda assuntos que são similares a realidade em que vivemos. Os personagens possuem os mesmos questionamentos e angústias que temos em nosso âmago. No entanto, por mais parecida que seja a trama com a realidade, há a presença de elementos cômicos, românticos e/ou fantásticos, que nos entretêm, dando mais leveza a leitura. E são nesses aspectos que a literatura de massa diverge da literatura culta e recebe muitas avaliações negativas, pois a linguagem utilizada é mais informal e é produzida para o mercado de massa.

Entretanto, um bom livro é aquele que deixa questões para se refletir, sejam eles de literatura culta ou de massa. O que realmente importa não é o que se lê, mas como se reage ao que lê.

A leitura, como prática social, exige um leitor crítico que seja capaz de mobilizar seus conhecimentos prévios, quer linguísticos e textuais, quer de mundo, para preencher os vazios do texto, construindo novos significados. Esse leitor parte do já sabido/conhecido, mas, superando esse limite, incorpora, de forma reflexiva, novos

significados a seu universo de conhecimento para melhor entender a realidade em que vive. (PETRONI, 2010, p. 134).

Dessa forma, o presente trabalho de conclusão de curso pretende analisar se os livros de literatura de massa possuem conteúdo informacional que leve o leitor a pensar criticamente. Para isso, o trabalho será dividido em quatro partes. Na primeira será feita uma revisão de literatura, a fim de compreender o conceito de leitura e alguns dos procedimentos necessários para se formar um leitor crítico. Também pretende-se trazer os conceitos de literatura culta, literatura de massa e gêneros literários. A segunda parte consiste na apresentação da metodologia que será utilizada neste trabalho, apresentando as definições acerca da abordagem e nível de pesquisa, população e amostra e técnicas de coleta e análise dos dados. Na terceira parte pretende-se apresentar e analisar três livros de literatura de massa voltados para o público jovem adulto que figuram na lista de “melhor ficção para jovens adultos” da *Young Adult Libray Services Association* (YALSA). Quanto a quarta parte, consiste nas considerações finais do presente estudo, com base no que foi apresentado.

1.1 PROBLEMA

O presente trabalho pretende responder a seguinte pergunta: a literatura de massa pode influenciar na formação de um leitor crítico?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar se os conteúdos dispostos nos livros de literatura de massa dispõem de alguma informação relevante que leve o leitor a pensar criticamente.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este trabalho possui como objetivos específicos:

- a) Compreender o que é leitura;
- b) Apresentar alguns dos procedimentos necessários para se formar leitores críticos;
- c) Apresentar as divergências e as semelhanças entre literatura culta e literatura de massa;
- d) Analisar se a literatura de massa pode influenciar na formação de um leitor crítico.

1.4 JUSTIFICATIVA

A produção de pesquisas sobre a literatura de massa, dentro da área de Biblioteconomia no Brasil, ainda é incipiente. Mediante a uma busca na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), pelo termo “literatura de massa”, obteve-se 11 resultados, sendo que grande parte dos artigos estavam relacionados a canais de comunicação de massa, como rádio, TV e *blog*. E, quando estavam voltados para a área literária, focava-se na representação descritiva e temática da obra. Posteriormente, fez-se uma busca pelo termo “*best seller*”, recuperando 3 resultados. O primeiro artigo tinha como objeto de estudo a série Harry Potter, todavia, o foco da pesquisa estava na construção da narrativa. O segundo artigo foi realizado um estudo sobre os livros O código da Vinci e O nome da Rosa, mas o tema da pesquisa era a disseminação da informação. Enquanto que o terceiro artigo, era um estudo sobre livros que citam outros livros, a fim de obter como resultado uma lista de livros que auxiliassem os bibliotecários na formação e no desenvolvimento de coleções. Nenhum dos artigos estavam relacionados à formação de leitores.

Muitos trabalhos apresentados em congressos, encontros e eventos com a mesma temática do presente trabalho estão inseridos na área de Letras e Educação. No entanto, a matéria prima do trabalho de um bibliotecário é a informação e em grande parte das vezes, esse profissional atua em bibliotecas comunitárias, escolares ou públicas, cujo acervo é constituído, predominantemente, de livros de literatura de massa. A vista disso, “os profissionais bibliotecários têm que estar atentos para as novas necessidades de leitura [...], diversificando ações que promovam o prazer de ler e a formação do leitor” (BECKER; GROSCH, 2008, p. 43).

Por essa razão, é essencial que esse profissional tenha conhecimento da demanda dos leitores por esse tipo de literatura, a fim de que possa orientá-los quanto a escolha do livro que irá suprir sua necessidade de informação e recomendar outras obras, porém aumentando o grau de complexidade conforme forem finalizadas suas leituras. Desse modo, o bibliotecário estará atuando como um mediador de leitura, utilizando a literatura de massa como instrumento de amadurecimento do repertório literário e como porta de entrada para a leitura de obras cultas.

2 LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Na maior parte das vezes, o ato de ler é relacionado à escrita, sendo o leitor um decodificador de letras. Entretanto, segundo Martins (1989), o ato de ler vai muito além de apenas decifrar palavras, pois não existe apenas a leitura de um texto escrito, mas também há a leitura do tempo, do espaço, de uma situação ou de um gesto.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Quando o texto a ser lido apresenta alguma semelhança com a realidade da qual o leitor faz parte, é mais provável que ele atribua algum sentido aquela leitura, assimilando melhor a informação. Caso contrário, a leitura pode se tornar superficial, um gesto mecânico de decifrar os sinais. Desse modo, o contexto social e cultural no qual o leitor está inserido influencia em sua leitura.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. (MARTINS, 1989, p. 32-33).

Diante desse panorama, pode-se perceber que a leitura começa desde a tenra idade, seja por meio de livros, imagens, gestos ou sons. Por isso, é essencial que o leitor tenha um mediador de leitura.

A palavra mediador, deriva do latim “mediatore”, e significa aquele que medeia ou intervém. Em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação. (BORTOLIN, 2001, p. [30]).

Os primeiros mediadores de leitura são aqueles com quem os futuros leitores mais tem contato, ou seja, a família. Os pais, principalmente, são a maior referência de uma criança ou jovem. Se esses responsáveis tem o hábito de ler e de compartilhar suas leituras, será mais fácil estimular os mais novos o prazer pelo ato de ler.

Ao compartilhar a leitura [...] cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. (PETIT, 2008, p. 43).

Por conseguinte, quando esse jovem leitor inicia sua vida escolar, ele já possui uma bagagem cultural e social, cabendo aos professores expandir seus horizontes. No entanto, é preciso que esses mediadores propiciem um ambiente favorável no qual o jovem leitor possa se expressar, pois apenas ler não fará com que ele reflita sobre o que foi lido.

[...] a leitura não é uma atividade passiva. Ao contrário, requer co-participação do leitor na reconstrução da mensagem, de tal modo que provoque o seu engajamento, primeiro no livro e em seguida no mundo. Este engajamento que é fruto da leitura crítica, [...] acelera o despertar de uma consciência política e o desejo de participação do indivíduo na vida pública [...] (CRUZ, 1984, p. 44).

Os bibliotecários também são atores fundamentais na formação de leitores, visto que são profissionais que trabalham com a informação e que foram instruídos durante a sua educação a servir como ponte entre a informação e quem a busca. A biblioteca é o ambiente de trabalho de grande parte desses profissionais. Desse modo, é essencial que o bibliotecário aproxime a comunidade às bibliotecas,

[...] através de ações de caráter educativo que visem despertar o interesse e o senso crítico dos leitores, fazendo com que os leitores saibam interpretar o mundo. Essas ações podem ser mesa-redonda, encenações, citações de histórias, oficinas (que visem a produção de textos escritos ou orais), jogos educativos, entre outros. (DINIZ, 2011, p. 7).

A vista disso, antes de se formar leitores é preciso que o mediador seja um, pois “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 161). Logo, o mediador conseguirá conduzir o novo leitor pelo mundo das palavras e orientá-lo quanto aos caminhos da interpretação e compreensão do texto para que, posteriormente, esse novo leitor possa navegar pelos mares da criticidade de forma hábil.

Por isso, “[...] não se forma leitor entregando um livro [...], abrindo simplesmente as portas da biblioteca ou dando o endereço de algum espaço virtual de livros gratuitos. A formação do leitor e o ensino da literatura dependem da “sedução”” (PINA, 2014, p. 15).

Enxergar o leitor como um consumidor facilita nesse processo de “sedução”, pois antes de se chegar ao texto propriamente dito, o leitor teve que ser estimulado, seja pela capa, por uma imagem ou pela sinopse, isto é, teve que comprar a ideia. Por isso, é essencial que ao se tentar criar um elo entre texto e leitor, antes haja uma contextualização do livro e que se entenda qual o objetivo que se pretende alcançar com a leitura.

Segundo Martins (1989), a profundidade da aproximação entre texto e leitor possui três níveis:

- a) Sensorial – que está relacionado aos cinco sentidos do ser humano: visão, audição, olfato, tato e paladar. Neste nível, o leitor terá sua atenção voltada para as características físicas do livro, como capa, textura, cor, forma, cheiro e volume.
- b) Emocional – que está relacionado com as lembranças e os sentimentos que o texto pode evocar no leitor durante sua leitura. Nessa etapa, o leitor poderá se reconhecer no texto, seja por meio das características do personagem ou pela situação na qual o personagem se encontra, acionando sentimentos como alegria, tristeza ou saudade.
- c) Racional – que está relacionado à interpretação e à compreensão do texto. É nesta fase que se estabelecerá uma conexão entre o leitor e o seu conhecimento prévio sobre a informação transmitida no texto, induzindo-o à reflexão e ao questionamento.

Ainda segundo Martins (1989), esses três níveis se inter-relacionam, podendo ocorrer de um nível se sobressair aos demais, mas operando constantemente de forma simultânea.

Não se deve também supor a existência isolada de cada um desses níveis. Talvez haja, como disse, a prevalência de um ou outro. Mas creio mesmo ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido, compreende a si próprio e o mundo. (MARTINS, 1989, p. 77).

Em síntese, “ler, em seu sentido amplo, significa saber decifrar um grande número de informações e reconhecer seus significados e interações com o mundo. Enfim, entender o que está sendo lido e transformar a leitura em aquisição de conhecimento” (BORGES; ASSAGRA; ALDA, 2010, p. 97).

Por isso, o ato de ler deve ser feito de forma espontânea e prazerosa, indo de encontro as necessidades e interesses do leitor, para que assim sua leitura possa transpassar a barreira de apenas decodificar os sinais e atingir a compreensão e a interpretação da obra como um todo. Em decorrência desse processo, o leitor poderá fazer relações entre a sua realidade de mundo e a informação ofertada, gerando novos conhecimentos. No entanto, é essencial que o leitor conte com o apoio de um mediador de leitura, a fim de que este possa lhe inculcar o prazer pelo ato de ler e aproximá-lo do texto, orientando-o para uma leitura crítica.

3 LITERATURA CULTA E LITERATURA DE MASSA

Segundo Lani ([20--?]), com a invenção da imprensa por Gutenberg, que facilitou a produção e a reprodução de um grande volume de obras, surgiu um novo tipo de romance, cuja publicação era feita no rodapé dos jornais da época, dando-se o nome de folhetim. O primeiro jornal a veicular esse tipo de texto foi o *Le Presse*, de Émile di Girardim, no ano de 1836. O romance e o folhetim possuem como principais diferenças a periodicidade e o formato. Enquanto o romance era publicado na íntegra e em formato livro, o folhetim era dividido em capítulos, sendo publicado periodicamente no rodapé do jornal, cujo espaço era reservado ao entretenimento do leitor. Consequentemente, possibilitou-se que esse texto literário alcançasse um amplo público, saindo do formato livro, no qual somente a alta sociedade podia adquirir, para atingir as classes mais baixas.

Com a invenção da imprensa e os avanços tecnológicos a facilidade de acesso a essas informações foi garantida a todos, pois o barateamento do livro e a sua disseminação em outros tipos de suportes, puderam chegar a todo o tipo de leitor, permitindo uma maior distribuição do conhecimento neles contido e, com isso, uma melhor avaliação dos acontecimentos ocorridos em seus contextos – o que antes lhes era negado – aumentando o seu poder de entendimento do seu papel na sociedade. (GASPARINO, 2007, p. 7).

Segundo Aranha (2009), o surgimento do folhetim na época da Revolução Industrial, propiciou que se formasse um novo perfil de leitores que até então era excluído da cultura letrada: a classe operária. Por não estarem habituados à leitura, fez-se necessário reformular a estrutura e a linguagem dos textos, para que estes novos leitores pudessem ter uma fácil compreensão do que ia ser lido, a fim de transformá-los de leitores potenciais a leitores reais.

A orientação editorial destes conteúdos focava o operariado, enquanto consumidor de ficção escrita, privilegiando características estruturais e estilísticas que atendiam a esta demanda, tais como: o uso de linguagem cotidiana, arranjos gramaticais simplificados, períodos curtos, minimização dos recursos estilísticos e focalização em enredos que correspondessem à experiência de vida de seus leitores ou às representações já estabelecidas em seu imaginário. (ARANHA, 2009, p. 124).

O folhetim foi o precursor do *best seller*, também chamado de “paraliteratura, literatura trivial, subliteratura, literatura de entretenimento, de massa ou de mercado” (REIMÃO, 1996, p. 24). O termo *best seller* possui duas significações. A primeira delas está relacionada ao comportamento de vendas, isto é, indica “os livros mais vendidos de um período em um local” (REIMÃO, 1996, p. 23). A segunda “quando aplicada à literatura de

ficção, passou a designar também, por extensão, um tipo de texto – características internas, imanes, de um tipo de narrativa ficcional” (REIMÃO, 1996, p. 24). Assim sendo, “[...] uma obra de literatura culta pode tornar-se um best-seller (isto é, ter grande receptividade popular), assim como um livro “de massa” pode ter sido escrito por alguém altamente refinado em termos culturais e mesmo consumido por leitores cultos” (SODRÉ, 1985, p. 6).

Entretanto, a nomenclatura desse tipo de literatura ainda não está consolidada, havendo algumas divergências quanto os conceitos que cada termo transmite. Para o presente trabalho, utilizarei a nomenclatura literatura de massa, uma vez que “se refere a uma vertente literária veiculada para um grande número de sujeitos históricos, sociais e dialógicos” (DERING, 2013, p. 432), enquanto que o termo *best seller* está mais relacionado aos livros que possuem um maior número de vendas.

Para Sodré (1985), a literatura culta é aquela que é reconhecida institucionalmente, que possui uma linguagem erudita e tramas complexas, levando o leitor a pensar de forma crítica. Já a literatura de massa é aquela que oferece entretenimento, que possui uma linguagem mais informal e é produzida para o mercado de massa.

Os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico assim são institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a produção. A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e da procura, isto é, do próprio mercado. A diferença das regras de produção e consumo faz com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos diferentes. (SODRÉ, 1985, p. 6).

A literatura de massa busca entreter o leitor e aguçar sua curiosidade por meio de determinados temas como sexo, drogas, aventuras, romances, entre outros. Ou seja, o mais importante nesse tipo de literatura são os conteúdos fabulativos, pois “Esta forma de contar histórias respondia às necessidades do público urbano de amainar as agruras do dia-a-dia e projetar-se como herói de aventuras insólitas” (SODRÉ, 1985, p. 10). No entanto, isso não quer dizer que não se possa conter alguma crítica social nesse tipo de literatura, mas sua abordagem é feita em segundo plano. Assim, cabe ao leitor ler, identificar, interpretar e compreender as informações apreendidas durante a leitura, a partir do seu conhecimento prévio e do estudo desenvolvido sobre determinado assunto abordado para gerar novos conhecimentos.

Segundo Reimão (1996), existem três posições que se pode tomar frente a literatura de massa. A primeira é chamada de teoria do degrau, que funciona como “uma primeira etapa,

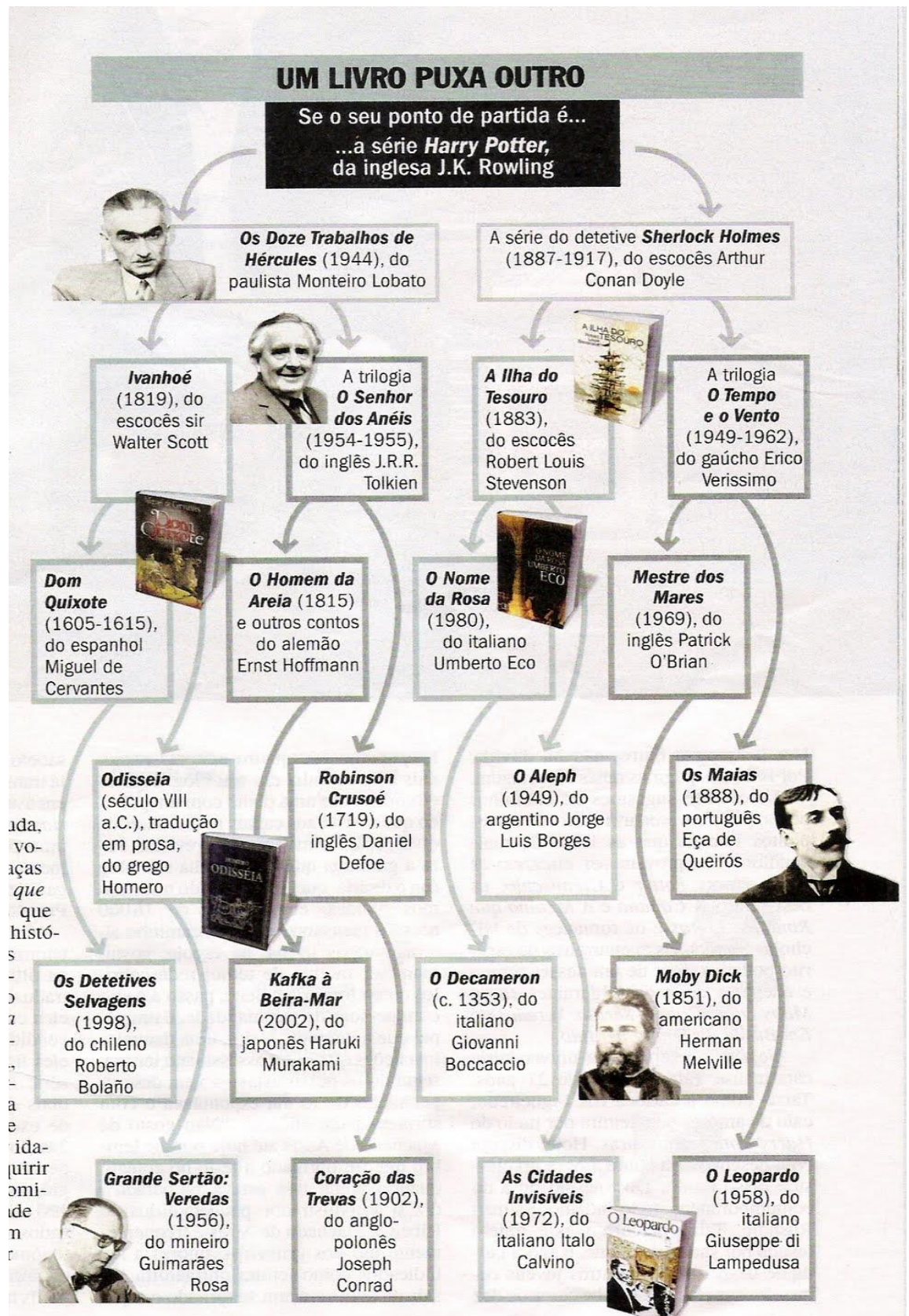
um degrau de preparação do leitor para torná-lo apto a enfrentar textos da literatura de proposta” (p.29). A segunda é chamada de teoria do hiato e regressão na qual afirma “que há um hiato intransponível entre a alta literatura e a de mercado, e de que esta última jamais poderá ser via de acesso à literatura maior” (p. 30). E por último a teoria do filtro que está relacionado “a um filtro de rejeição e seleção de que o consumidor disporia” (p.30).

Para Araújo (2014), um bom livro é aquele que deixa questões para se refletir, seja de literatura culta ou de massa. Por isso, toda leitura deveria ser válida, pois o contato com diversos tipos de livro criará uma base de leituras que ampararão as próximas que virão. A fim de exemplificar tal afirmação, pode-se considerar a reportagem feita pelo jornalista Bruno Meier, para a Revista Veja, no ano de 2011, sob o título “Uma nova geração descobre o prazer de ler”. O jornalista entrevistou alguns leitores a fim de saber como adquiriram o prazer pela leitura e quais livros influenciaram nesse processo. O resultado que Meier obteve foi de que grande parte dos leitores começaram a ler por meio da série Harry Potter, da escritora inglesa J. K. Rowling. Tal série literária pertence a literatura de massa, mas isso não os impediu de expandir seus horizontes e buscarem obras clássicas para ler. Ao contrário, a série serviu como uma porta de entrada para a literatura culta, visto que eles passaram a ver o ato de ler como uma atividade prazerosa, instigando-os a pesquisar mais sobre determinados assuntos abordados nos livros, além de enriquecer seu vocabulário.

[...] para um leitor maduro, talvez a literatura de massa não expanda seu horizonte de expectativa, entretanto, um aluno, que quase ou nunca lê, pode ter seu horizonte de expectativas alargado com as obras da chamada literatura de massa. Assim [...], se a leitura causar um estranhamento tão intenso, de tal forma que o leitor não consiga fazer nenhuma relação com sua vida, ou com o que lhe é familiar, também não ocorrerá o diálogo do leitor com a obra. Portanto é importante tomar o cuidado de não desprezar essas obras, pois a leitura delas, contribuem para a formação de um repertório de leitura do aluno. As obras da literatura de massa contribuem muito para a formação do leitor literário maduro e independente que será capaz de acolher e descartar leituras de acordo com sua própria crítica. (PINHEIRO, 2012, p. 11).

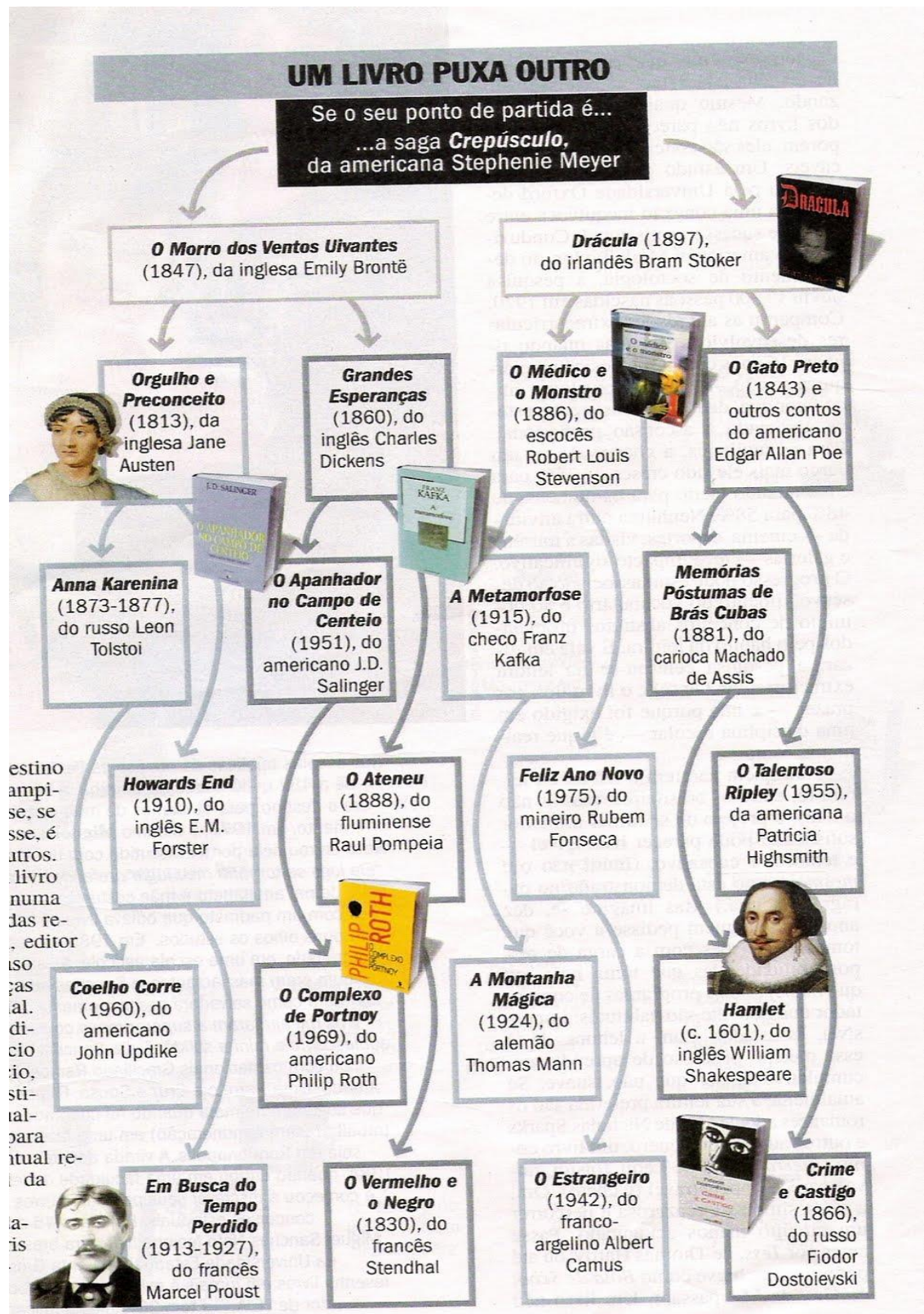
Diante disso, pode-se constatar que um livro pode levar a outro. Por essa razão, a Revista Veja apresentou “sugestões de caminhos pelos quais enveredar a partir de certos pontos iniciais que as listas de mais vendidos comprovam ser eficazes: as séries Harry Potter e Crepúsculo. Os best-sellers A Cabana e A Menina que Roubava Livros e os romances de Nicholas Sparks” (MEIER, 2011, p. 102). Ou seja, foi feito um roteiro no qual o leitor pudesse se guiar, a fim de dar continuidade as leituras que apresentarem temáticas semelhantes da sua última obra lida.

Figura 1 – Um livro puxa outro: a partir da série Harry Potter



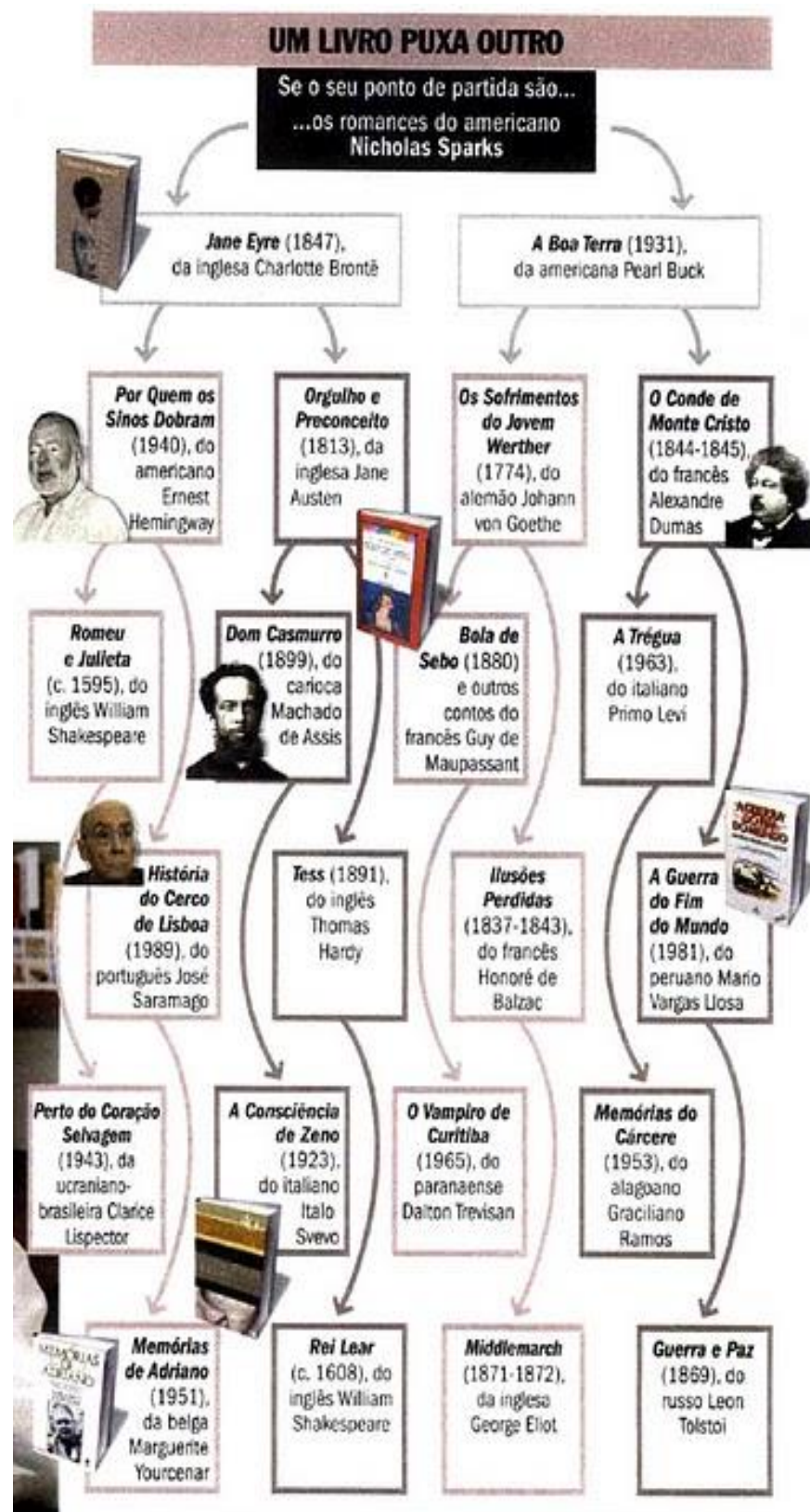
Fonte: Meier (2011, p. 101).

Figura 2 – Um livro puxa outro: a partir da série Crepúsculo



Fonte: Meier (2011, p. 103).

Figura 3 – Um livro puxa outro: a partir dos romances de Nicholas Sparks



Fonte: Meier (2011, p. 105).

Figura 4 – Um livro puxa outro: a partir do livro A cabana

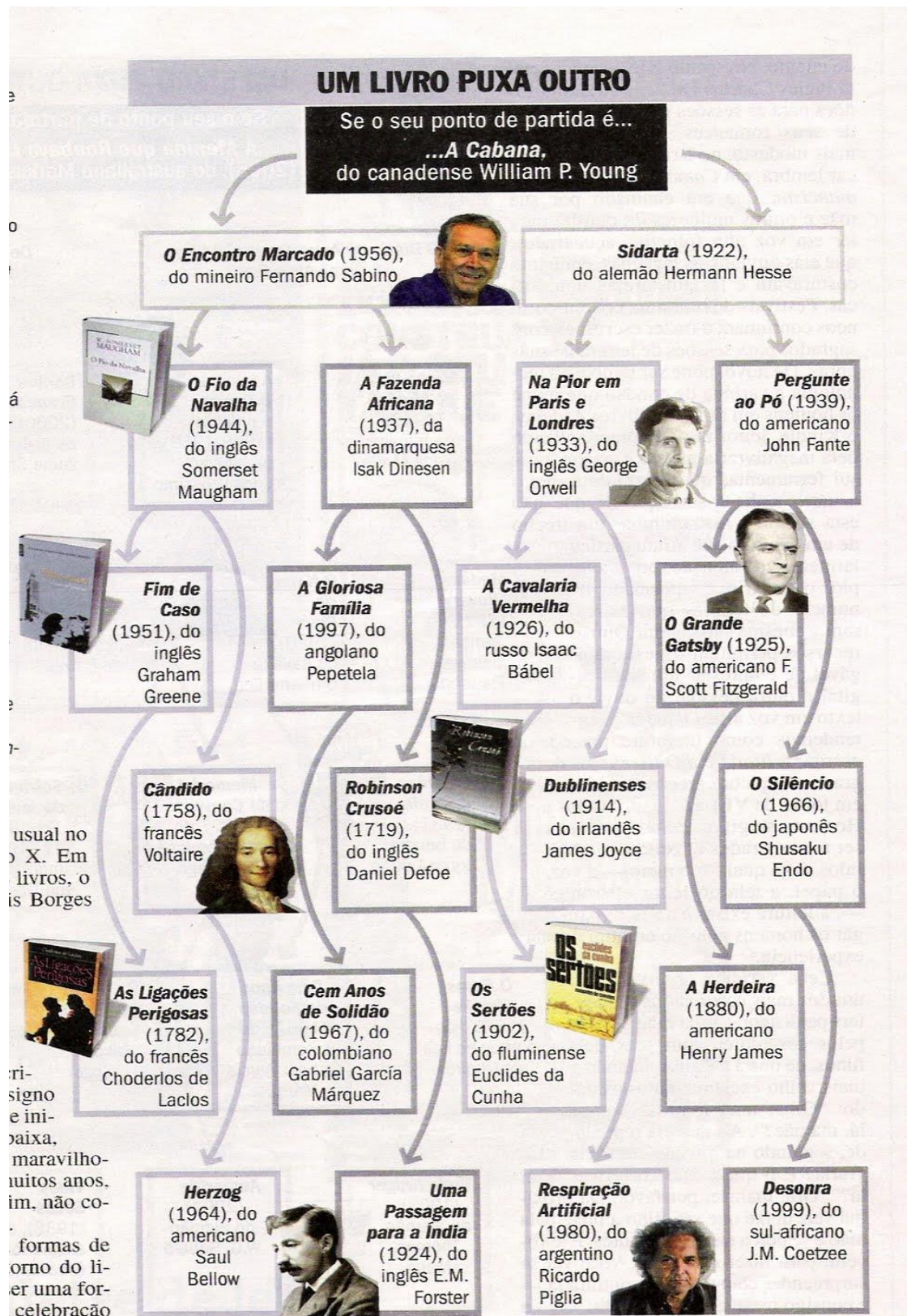
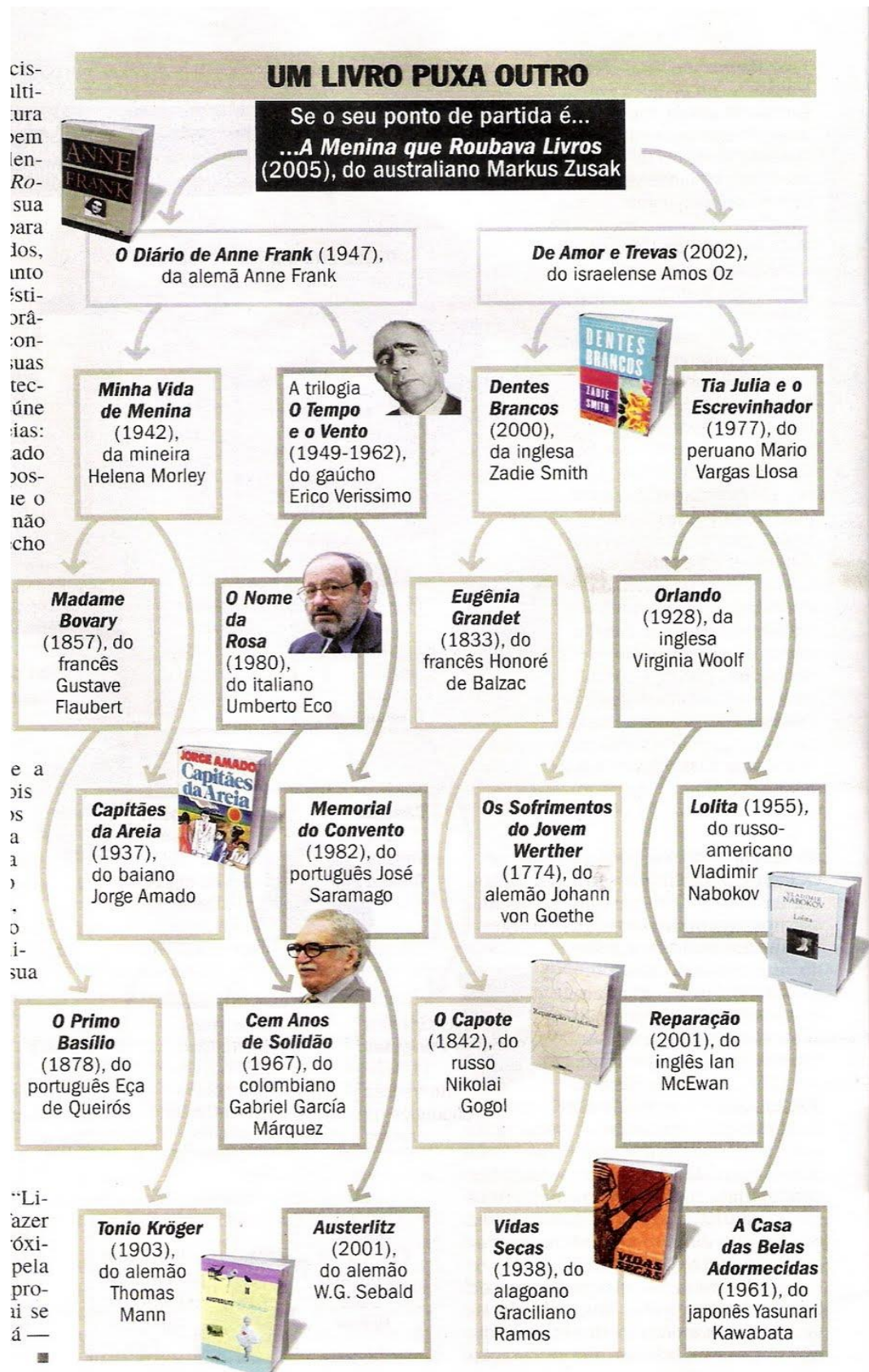


Figura 5 – Um livro puxa outro: a partir do livro *A menina que roubava livros*



Fonte: Meier (2011, p. 108).

Segundo Lani ([20--?, não paginado]), a “comunicação dessas obras é feita através de emoções, sentimentos e sensações, levando seu público a momentos de profundo interesse pela leitura de entretenimento”. Por isso, em grande parte das vezes, “[...] o leitor projeta-se nas aventuras heroicas, dando vazão ao seu desejo de potência, de aproximar-se dos deuses, e de poder, como o herói, escapar às leis do cotidiano repetitivo e monótono” (SODRÉ, 1985, p. 24). O herói das histórias realiza grandes façanhas ou enfrenta a realidade de uma maneira mais positiva e a cada adversidade superada se torna um vencedor. O leitor sente que também poderia se tornar um herói, se enfrentar os obstáculos com coragem, determinação e justiça.

Dessa forma, Sodré (1985) aponta alguns aspectos que são recorrentes na literatura de massa:

1. Mítico – A narrativa contém diversos arquétipos míticos, que transformam muitos dos personagens em verdadeiros tipos modelares.
2. Atualidade informativo-jornalística – Transparece [...] a necessidade de informar, de pôr o leitor a corrente de grandes fatos, teorias e doutrinas – seja do próprio autor, seja da própria época – de uma maneira fácil e acessível, a exemplo da linguagem jornalística.
3. Pedagogismo – Há também a intenção clara de ensinar alguma coisa, isto é, um explícito pedagogismo.
4. Retórica culta ou consagrada – O livro retoma uma retórica literária, isto é, um modo de escrever, já experimentado ou consagrado pela literatura anterior. Não existe inovação a nível da língua nacional [...], nem renovação estilística de frases. Revivam-se estereótipos da literatura romântica, como o herói divino, o vilão satânico, a virgem imaculada, a mulher fatal, etc. (SODRÉ, 1985, p. 9).

Ao contrário da literatura de massa, que objetiva aproximar o leitor do texto, por meio do entretenimento, a literatura culta tem como objetivo a questão da língua e da reflexão sobre a técnica romanesca, isto é, o foco está na estética e na linguagem do texto.

A resistência dos leitores frente às obras da tradição literária, muitas vezes, ocorre por esse motivo. São livros antigos, com linguagem diferente da usada atualmente, o que faz com que os leitores, muitas vezes, não consigam romper a barreira para adentrar na leitura, ficam bloqueados pela linguagem, e se ainda não houver um estímulo ou um mediador para ajudá-lo a significar a leitura, acabam abandonando e não voltando mais para os livros. Daí a importância da leitura se iniciar na infância e também da leitura de gibis, revistas, contos de fadas. Todas as leituras, se realizadas com frequência, vão auxiliar no amadurecimento do repertório de leitura, tornando mais fácil o processo de formação do leitor. As leituras mais “fáceis” do ponto de vista da crítica literária, podem ser importantes para construção de uma bagagem cultural e familiarização com a leitura, o que, com certeza, ajudará a ingressá-lo com maior facilidade em outras obras. (ARAÚJO, 2014, p. 84).

Em suma, ler “literatura de massa pode ser o princípio de uma caminhada entre os livros, sejam eles canônicos ou não. Pode ser o início da formação do leitor, no sentido mais literal da palavra, sem a carga de que bom leitor é aquele que apenas lê obras clássicas. A

questão para se pensar não é o quê o leitor lê, mas como ele lê, seja o gênero/mídia que for” (SIERAKOWSKI, 2012, p. 20). Por essa razão, se faz necessário o estudo sobre a literatura de massa, para que se possa melhor compreender suas características, de modo que sejam utilizadas de uma forma mais produtiva, visto que “é uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e espicaçar a consciência do consumidor” (SODRÉ, 1985, p. 71).

3.1 GÊNEROS LITERÁRIOS

Segundo Sodré (1985), tradicionalmente, os gêneros dividem-se em três tipos: o lírico (soneto, balada, ode, rond , etc.), o  pico (epopeia, romance, conto, novela) e o dramático (tragédia, comédia, tragicomédia, farsa). Sendo que, os “textos de massa são predominantemente  picos, isto é, são relatos que apresentam alguma coisa ou alguém. Neles, o autor distancia-se do objeto [...], para registrar ou mostrar algo, segundo um determinado ponto de vista” (SODRÉ, 1985, p. 25).

Ainda de acordo com Sodré (1985, p. 26), na “literatura de massa, o que chamamos de gêneros são as subdivisões, por temática e público leitor, da narrativa romanesca”. As subdivisões por tema são diversas, pois novos gêneros literários apareceram, visto que houve uma demanda no mercado editorial por livros que tematizassem questões mais atuais. Isso ocorre, porque a literatura é tida como uma arte que se modifica de acordo com o tempo e seus costumes vigentes. A seguir, são apresentados alguns gêneros literários:

- *Chick-lit* –   um gênero voltado para o público feminino, abordando assuntos relacionados às questões das mulheres modernas, como beleza, emprego, relacionamentos, etc.;
- Distopia – neste gênero a narrativa é desenvolvida a partir de um mundo não utópico, isto é, um mundo corrupto, com um governo autoritário, cuja sociedade   oprimida pelo excesso de totalitarismo do sistema político;
- Er tico –   o gênero literário que desperta ou instrui o leitor para as práticas sexuais;
- Fantasia –   caracterizado por uma narrativa fabulosa, que difere da realidade;
- Ficção científica – gênero literário que aborda algumas questões científicas, mas dialogando com elementos fantásticos;

- Romance policial – neste gênero a narrativa o leitor irá acompanhar o processo de uma investigação a procura de um criminoso e/ou assassino;
- *Sick-lit* – tem como característica uma narrativa triste e melancólica, abordando assuntos como *bullying*, depressão, suicídio, distúrbios alimentares e doenças terminais;
- Romance de época – gênero que aborda o relacionamento entre os personagens, tendo como pano de fundo a sociedade e os costumes de épocas passadas;
- Terror – é um gênero que visa despertar o medo e a angústia do leitor no decorrer da leitura. Em grande parte das vezes, neste tipo de gênero encontram-se elementos sobrenaturais.

Quanto as subdivisões por público leitor, tem-se:

- Infantil – engloba um público de 2 a 11 anos. Os livros para esses leitores, geralmente são curtos, com poucas palavras e muitos desenhos, com tramas simples e de fácil entendimento;
- Infanto-juvenil – são livros direcionados para um público de faixa etária entre 8 a 12 anos, que possuem uma abordagem mais simples e tramas mais leves, entretanto menos ingênuas;
- Jovem adulto (*young adult*) – são livros voltados para o público de 13 a 18 anos. São leitores que estão adentrando na fase da adolescência e por isso os livros abordam assuntos mais maduros, deixando a ingenuidade de lado;
- Novo adulto (*new adult*) – são livros que visam atingir leitores de 18 a 25 anos. Esse gênero serve de introdução ao mundo adulto, levantando questões como faculdade, primeiro emprego, etc.;
- Adulto – esse gênero é voltado para um público com mais de 25 anos. Os livros possuem tramas mais complexas.

Figura 6 – As subdivisões dos gêneros literários por público leitor



Fonte: Cozer (2013).

De acordo com Sodré (1978, p. 82) “os temas podem facilmente passar de um gênero para outro. Assim, é possível ver a ficção científica com características temáticas do romance de aventuras ou do enigma policial, ou então o romance policial com características da narrativa de terror, etc.”, sendo esta uma das principais dificuldades do profissional editor, atualmente: classificar uma obra conforme a temática abordada, pois na maior parte das vezes, os assuntos se relacionam entre si, tendo que optar pela prevalência de apenas um tema.

Segundo Antunes (2013, p. 15),

[...] a preocupação com um gênero especificamente voltado para os jovens nasce e se desenvolve no âmbito educacional, buscando-se oferecer a eles uma leitura adequada à sua maturidade intelectual e emocional. Essa adequação tinha, no início, uma sobrecarga formadora, que acabava empobrecendo a natureza literária das obras. Nos dias atuais busca-se um equilíbrio, advogando para a literatura destinada a essa faixa etária uma qualidade estética que a aproxime da verdadeira literatura, capaz de emancipar sem subestimar a inteligência e a sensibilidade do leitor nem criar constrangimentos de ordem institucional, familiar ou mesmo moral.

A literatura de massa busca abordar assuntos que são similares a realidade em que vivemos, por meio de personagens que possa apresentar os mesmos questionamentos e angústias que temos em nosso cerne. Dessa maneira, a subdivisão dos gêneros literários é uma forma de tentar acompanhar as novas tendências no mercado editorial, a fim de melhor atender as necessidades e expectativas do público leitor.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção compreende a metodologia que será utilizada neste trabalho, apresentando as definições acerca da abordagem e nível da pesquisa, população e amostra e técnicas de coleta e análise de dados, a partir das considerações teóricas de Chizzotti (2006), Gil (2008), Lakatos (2003) e Minayo (2009).

4.1 ABORDAGEM E NÍVEL DE PESQUISA

O trabalho foi construído por meio de uma abordagem qualitativa, pois tem como objetivo analisar se os assuntos abordados nos livros de literatura de massa dispõem de alguma informação relevante que conduza o leitor para uma leitura crítica, não só do texto, mas da realidade na qual possa estar inserido.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21).

O nível de pesquisa será exploratório e descritivo considerando que “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral [...] acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27). Já o nível descritivo visa “estudar as características de um grupo [...] que têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 28).

Optou-se por utilizar o nível exploratório, visto que a temática do presente trabalho ainda é incipiente na área de Biblioteconomia. Poucos são os trabalhos voltados para a literatura de massa, principalmente sob a ótica da formação de leitores. Já o nível descritivo foi escolhido, porque vai de encontro com a problemática e os objetivos da pesquisa.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Segundo Gil (2008), população é “um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente se fala em população como referência ao total de habitantes de determinado lugar” (p. 89). Já a amostra é um “subconjunto do universo ou da

população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população” (p. 90).

Esse estudo tem como população os livros de literatura de massa que se encontram na lista da YALSA como “melhor ficção para jovens adultos” e como amostra foram selecionados três livros: *Por lugares incríveis*, *Will & Will* e *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*.

4.3 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Nesse estudo serão utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a observação sistemática.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 50). Já a pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico” (p. 51). Realizou-se pesquisas em livros, artigos científicos, monografias, teses e dissertações que fossem pertinentes à temática desenvolvida nesta pesquisa, além dos potenciais livros de literatura de massa que poderiam ser analisados.

A observação sistemática “realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos” (LAKATOS, 2003, p. 193). Considerando que o objeto de análise são livros e, por conta disso, é necessário observar com detalhes cada capítulo, personagem, estrutura e as possíveis relações com a realidade de mundo dos jovens, optou-se por utilizar a observação sistemática, onde é possível efetuar pausas na leitura e reler determinados trechos quantas vezes for necessário.

Já a análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, visto que “permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo de comunicação” (LAKATOS, 2003, p. 223). Ou seja,

Pressupõe [...] que um texto contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas. A mensagem pode ser apreendida, decompondo-se o conteúdo do documento em fragmentos mais simples, que revelem sutilezas contidas em um texto. Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas de uma mensagem. (CHIZZOTTI, 2006, p. 115).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A YALSA é uma associação norte-americana formada por bibliotecários, livreiros e profissionais do livro que tem como missão promover a leitura entre jovens de 13 aos 18 anos. O grupo seleciona anualmente listas com os melhores livros voltados para o público jovem adulto, a fim de auxiliar os profissionais que atuam em bibliotecas, editoras e livrarias na recomendação de livros que contenham conteúdo de qualidade para esses jovens.

A associação acredita que nessa faixa etária, os leitores chegaram a um estágio de desenvolvimento que requer uma abordagem estratégica diferente, pois estão numa fase intermediária entre a adolescência e a fase adulta. Por isso, precisam conhecer suas expectativas e necessidades, com o propósito de melhor atendê-los.

Uma das listas criadas pela YALSA é a de “melhor ficção para jovens adultos”. Ela é feita anualmente e os critérios utilizados para a avaliação são: a linguagem, o enredo, o estilo, o ambiente, o diálogo, a caracterização e o design, em conjunto com a notoriedade do livro entre o público jovem.

No presente trabalho serão analisados três livros que se encontram na lista de melhor ficção para jovens adultos nos anos de 2016, 2012 e 2014, respectivamente: *Por lugares incríveis*, da escritora Jennifer Niven, *Will & Will*, dos escritores John Green e David Levithan e *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*, da escritora Meg Medina.

Segundo Gancho (2002, p. 41), analisar “é separar as partes, compará-las e tirar conclusões lógicas, coerentes com o texto”. A análise dos livros será feita a partir das suas considerações sobre tema, “ideia em torno da qual se desenvolve a história”; assunto, “concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo” e mensagem, “um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida” (p. 30).

5.1 POR LUGARES INCRÍVEIS

Jennifer Niven é uma escritora americana que já publicou nove livros, sendo quatro romances para adultos, dois livros de não ficção, um livro de memórias sobre suas experiências no ensino médio e dois livros para o público jovem adulto. No Brasil, foram publicados apenas dois, sendo eles “*Karluk: a extraordinária expedição ao Ártico de 1913*”, lançado pela editora Alegro em 2001 e o livro “*Por lugares incríveis*”, publicado pelo selo Seguinte da editora Companhia das Letras, no ano de 2015.

Por lugares incríveis conta a história de Violet Markey e Theodore Finch. Ambos estão passando por uma situação difícil. Violet era uma menina alegre, tinha amigos e namorado, além de manter um *blog* com sua irmã Eleanor. Gostava muito de escrever e por isso tinha planejado estudar escrita criativa em Nova York. No entanto, ela e sua irmã sofreram um acidente de carro e somente Violet sobreviveu ao acidente. A partir dessa tragédia, ela desiste de escrever e passa a se excluir do seu círculo social e familiar. Theodore é um menino problemático, que não respeita autoridade e tem sérios problemas familiares, além de ter longos períodos de depressão. Toda semana ele encarna um personagem diferente, o que o leva a ter o título de aberração do colégio. Enquanto Violet conta os dias para o fim das aulas, a fim de ir embora da cidade onde mora para fugir do luto, Theodore pesquisa por diferentes métodos de suicídio. Em uma dessas tentativas, ambos acabam se encontrando na torre do sino da escola e para surpresa de Finch, Violet está prestes a pular também. É por meio desse encontro que eles começam uma amizade e se unem para elaborar um trabalho para a disciplina de geografia, no qual devem visitar um dos lugares incríveis do estado onde moram.

Figura 7 – Capa do livro Por lugares incríveis



Fonte: Google Imagens ([20--?])

O principal tema abordado no livro é a condição de quem se encontra com transtorno bipolar ou tem comportamentos suicidas. Segundo Berutti (2015, p. 2),

O transtorno bipolar (TB) é uma doença psiquiátrica grave, recorrente e altamente incapacitante. Caracteriza-se pela existência de uma instabilidade severa e cíclica de humor, em que este oscila entre polos opostos de depressão (tristeza profunda insônia, perda de interesse e prazer em atividades, lentificação psicomotora, sentimentos exagerados de culpa, comportamentos suicidas) e de mania (alegria e sentimentos de bem-estar exagerados ou irritabilidade acentuada, aumento de energia e motivação, aceleração psicomotora).

Ao longo da leitura percebe-se que o personagem Theodore Finch apresenta os mesmos sintomas de quem possui transtorno bipolar. Há momentos em que o personagem se encontra em total euforia e em outros sente uma tristeza profunda levando-o a ter comportamentos suicidas, como é o que acontece quando Violet e Finch vão nadar em um lago e ele sente a necessidade de mergulhar cada vez mais fundo:

Respiro fundo e mergulho, grato pela escuridão da água e pelo calor que encontra minha pele. Nado para fugir de Josh Raymond, e do meu pai traidor, e dos pais participativos de Violet que também são amigos dela, e da minha mãe triste e abandonada, e dos meus ossos. Fecho os olhos e finjo que Violet está a minha volta, então os abro e me impulsiono para baixo, com um braço pra frente como o Super-Homem. (NIVEN, 2015, p. 192).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, “Suicídio é um problema complexo para o qual não existe uma única causa ou uma única razão. Ele resulta de uma complexa interação de fatores biológicos, genéticos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais” (2000, p. 4). Durante o desenvolver da história, observa-se que Theodore além de apresentar as mesmas características de quem é diagnosticado com transtorno bipolar, vive em um ambiente que eleva o risco de ele cometer suicídio. O personagem sofre *bullying* diariamente na escola, a mãe e as irmãs estão sempre ausentes e o pai está sempre o julgando e quando pode o agredi.

Inútil. Burro. Essas foram as palavras que cresci ouvindo. São palavras das quais tento fugir, porque, se deixa-las entrar, elas podem ficar e crescer e me preencher até que a única coisa restante dentro de mim seja *inútil burro inútil burro inútil burro aberração*. E não posso fazer nada além de correr mais rápido e me preencher com outras palavras: *Desta vez vai ser diferente. Desta vez vou ficar desperto* (NIVEN, 2015, p. 58).

O seu orientador pedagógico, sr. Embry, não consegue diagnosticá-lo à primeira vista, mesmo que Finch venha sendo acompanhado durante algum tempo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2006, p. 2), é necessário que haja “um conjunto claro de parâmetros que sejam práticos, acessíveis e informativos para os conselheiros que lidam com crises de suicídio [...]. Infelizmente, formação abrangente a respeito da gestão do suicídio raramente faz parte dos programas de formação em saúde mental”. Consequentemente, o profissional a

frente de alguém que apresenta comportamentos suicidas não sabe lidar com a situação, podendo piorar o quadro, como é o caso do sr. Embry:

Preciso saber se você planeja ou está planejando se matar. Estou falando muito sério. Se o diretor Wertz souber disso, você estará fora daqui antes que consiga dizer “suspensão”. Isso sem falar que, se eu não prestar atenção e você decidir voltar lá em cima e pular, vou ser processado, e com o salário que eles me pagam, acredite, não tenho dinheiro para me defender judicialmente. Isso vai acontecer se você pular da torre do sino ou de qualquer outra torre, seja propriedade da escola ou não. (NIVEN. 2015, p. 19).

Entretanto, não são só os profissionais que lidam com as questões relacionadas à saúde que não dispõem de maiores informações sobre como proceder nesses casos. Amigos e familiares também estão inclusos nesse contexto. A falta de informação sobre essa doença, resulta na banalização e no preconceito de quem tenta o suicídio ou de quem sofre de algum problema relacionado à saúde mental.

A verdade é que eu estava mesmo doente, mas não com uma simples gripe. De acordo com minha experiência, as pessoas são muito mais compreensivas se conseguem ver sua doença, e pela milionésima vez na vida eu desejei ter sarampo ou varíola ou alguma outra coisa facilmente verificável só pra ficar mais fácil pra mim e pra todo mundo. Qualquer coisa seria melhor que a verdade. (NIVEN, 2015, p. 21).

No decorrer da história, a autora deixa claro sua posição em relação à temática suicídio. Niven acredita que grande parte da sociedade tem certo preconceito com quem tira sua própria vida, pois muitas pessoas não enxergam essa atitude como um distúrbio psicológico que precisa ser controlado, mas sim como um ato egoísta. Tal pensamento é ressaltado por meio da fala de uma personagem secundária, quando esta é chamada para compartilhar suas angústias com os membros de um grupo de apoio à vida: “– Minha irmã morreu de leucemia e vocês tinham que ver as flores e a empatia. [...] – Mas quando eu quase morri, ninguém mandou flores. Fui considerada egoísta e louca por desperdiçar a minha vida sendo que a da minha irmã tinha sido tirada” (NIVEN, 2015, p. 242).

Segundo a reportagem de Iara Biderman, publicada em 2013 no site do jornal Folha de S. Paulo, “Quem pensa em suicídio está passando por um sofrimento psicológico e não vê como sair disso. Mas não significa que queira morrer”. Tal afirmação vai de encontro com a fala de Theodore:

O que não digo é o seguinte: quero viver. E o motivo para não dizer é que, considerando a pasta repleta de ocorrências na frente dele, o sr. Embry jamais acreditaria em mim. E tem outra coisa na qual ele não acreditaria: estou lutando para permanecer neste mundo caótico de merda. Ficar no parapeito da torre do sino não é

para morrer. É para ter controle. É para nunca mais dormir de novo. (NIVEN, 2015, p. 22).

Já a situação de Violet é diferente. A personagem passou por um momento traumático e não está sabendo lidar com o seu luto pela irmã. Inicialmente, amigos, familiares e professores entendiam sua dor e sua reclusão. “Circunstâncias atenuantes. Esta sou eu. Esta é Violet, mudada para sempre, com suas circunstâncias atenuantes. Devemos ter cuidado com ela, porque ela é frágil e pode quebrar se esperarmos que faça o mesmo esforço dos outros” (NIVEN, 2015, p. 298).

Entretanto, com o decorrer do tempo esperava-se que a menina progredisse em sua melhora, mas não é o que acontece. Até mesmo sua orientadora pedagógica questiona isso: “– Estou preocupada, Violet. Sinceramente, você já deveria ter melhorado um pouco mais. Você não pode evitar carros para sempre, principalmente agora no inverno. Não pode parar no tempo. Precisa lembrar que é uma sobrevivente [...]” (NIVEN, 2015, p. 26). Apesar das pessoas questionarem a lentidão da sua recuperação, muitos ainda a tratam como “circunstâncias atenuantes”. O único que entende e enxerga que o que ela tem é apenas uma fase, basta a personagem admitir o que sente e conversar sobre a situação é Theodore: “– Deixa sair todo o peso que está carregando. Você está com raiva de mim, dos seus pais, da vida, da Eleanor. Vamos. Eu aguento. Não desapareça aí dentro. – Quero dizer dentro de si mesma, onde nunca vou alcança-la” (NIVEN, 2015, p. 194).

O tabu em torno de problemas psicológicos, doenças mentais e suicídio ainda é muito grande. Todavia, segundo pesquisas da Organização Mundial da Saúde (2000, p. 4), “O suicídio está entre as três maiores causas de morte entre pessoas com idade entre 15-35 anos” e um dos fatores que pode desencadear tal ato é o transtorno bipolar.

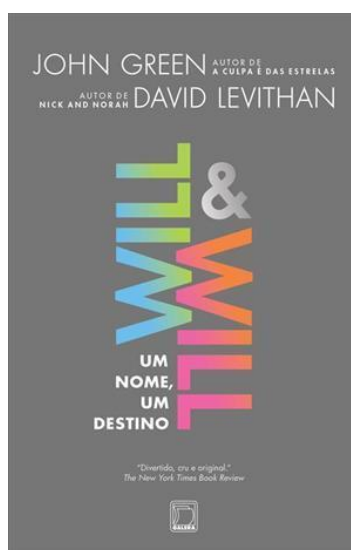
O que eu sei sobre transtorno bipolar é que é um rótulo. Um rótulo para pessoas loucas. Sei disso porque fiz um semestre de psicologia e vi filmes e convivi com meu pai durante quase dezoito anos, embora ninguém jamais o rotulasse, porque senão ele mataria a pessoa. Rótulos como “bipolar” significam: É por isso que você é assim. Esse é você. Reduzem as pessoas a doenças. (NIVEN, 2015, p. 231).

Logo, é essencial que se haja um debate acerca do assunto, a fim de compreender o que leva uma pessoa a acometer tal atitude, bem como conscientizar não só a sociedade sobre esse tipo de doença, mas também a própria pessoa que é diagnosticada. Por isso, apresentar um tema polêmico em um livro de literatura juvenil é um ponto positivo, para que, não só os jovens, mas quem quer que leia, conheça um pouco da realidade de quem sofre esse problema.

5.2 WILL & WILL

John Green e David Levithan são escritores norte-americanos que já publicaram inúmeros livros, todos voltados para o público jovem adulto. Esses autores se tornaram os ‘queridinhos’ do público jovem e seus livros quase sempre figuram na lista dos mais vendidos. Green é bem conhecido por tratar de temas delicados em suas obras, conduzindo o leitor a uma narrativa mais dramática. Já Levithan é conhecido por abordar personagens homossexuais em seus livros. *Will & Will* é o primeiro livro escrito em parceria entre esses dois autores. A primeira edição foi publicada pelo selo Galera Record, no ano de 2013 (ver figura 8). No entanto, o livro só alcançou um grande público a partir da mudança de capa na segunda edição (ver figura 9), publicada no ano de 2014, pelo mesmo selo.

Figura 8 – Primeira capa do livro *Will & Will*

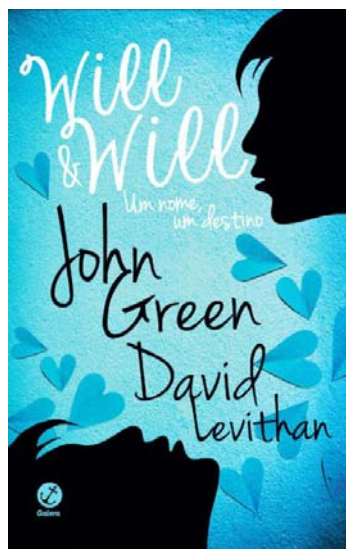


Fonte: Google Imagens ([20--?])

Will & Will conta a história de dois garotos que dividem o mesmo nome. O primeiro Will Grayson é um garoto reservado e que não gosta de arrumar confusão. Para isso, ele segue “duas regras muito simples: 1. Não se importar com nada. 2. Calar a boca. Todas as coisas ruins que já me aconteceram derivaram do não cumprimento de uma dessas regras” (GREEN; LEVITHAN, 2015, p. 11). Já o segundo Will Grayson é um garoto inseguro, pessimista, que tem problemas de depressão e não gosta de chamar a atenção. O seu principal dilema é não saber como contar à mãe e aos seus poucos amigos sua orientação sexual. Um dia, por obra do

destino, eles se conhecem em uma esquina de Chicago e os que mantém em contato é Tiny Cooper, o amigo mais alto e mais *gay* do primeiro Will.

Figura 9 – Segunda capa do livro *Will & Will*



Fonte: Google Imagens ([20--?])

O principal tema abordado no livro é a questão do homossexualismo e como isso influencia na vida das pessoas, principalmente na dos jovens. O primeiro assunto debatido na história é “o medo de ser “confundido” com um homossexual, por se relacionar com eles” (FACCO, 2008, p. 80). O primeiro Will Grayson é amigo de Tiny, mas ambos possuem personalidades bem diferentes, o que gera bastante desavenças entre eles no decorrer da história. Entretanto Will não tem objeção em ser amigo de um homossexual, o problema reside no medo dele ser tachado de *gay* por ser amigo de um. A fim de exemplificação, cito uma de suas falas: “Depois que um membro do conselho escolar ficou todo irritado com a presença de gays no vestiário, defendi o direito de Tiny Cooper de tanto ser gigante [...] quanto gay em uma carta pro jornal da escola, a qual eu, estupidamente, assinei” (GREEN; LEVITHAN, 2015, p. 9). Em decorrência de tal atitude, o personagem é chamado de “baitola” e os outros alunos desconfiam que Will e Tiny possuem um relacionamento amoroso.

O segundo assunto ressaltado é como e quando um adolescente deve contar aos pais e aos amigos que se assume ser homossexual. No livro, essa questão é pouco aprofundada e não condiz com a realidade na qual grande parte dos jovens homossexuais já passaram. O segundo Will mora somente com a mãe, visto que seu pai o abandonou quando ele ainda era pequeno. Assim sendo, a primeira pessoa para quem ele decide contar sobre sua orientação sexual é

para sua mãe, logo após conhecer o primeiro Will e Tiny, em Chicago. Contudo, a cena foi narrada de forma corrida e o personagem foi bem objetivo ao falar com a mãe. Esta, por sinal, reagiu calmamente e aceitou a condição do filho sem nenhum conflito.

mãe: como foi em chicao?

eu: olhe, mãe, eu sou totalmente gay, e agradeceria se você pudesse deixar de lado o surto agora, porque, sim, temos o resto de nossas vidas pra lidar com isso, porém quanto mais cedo atravessarmos a parte da agonia, melhor.

mãe: a parte da agonia?

eu: você sabe, você rezando pela minha alma, me xingando por não te dar netinhos com uma esposa e dizendo o quanto está decepcionada.

mãe: você acha mesmo que eu faria isso?

eu: é seu direito, acho. mas se quiser pular essa etapa, está bom pra mim.

mãe: acho que quero pular essa etapa.

eu: mesmo?

mãe: mesmo.

eu: uau. quero dizer, isso é legal.

mãe: você me dá pelo menos um ou dois segundos pra ficar surpresa?

eu: claro. afinal, essa não deveria ser a resposta que você esperava quando me perguntou como foi em chicao.

mãe: acho que é seguro dizer que não era a resposta que eu estava esperando. (GREEN; LEVITHAN, 2015, p. 192-193).

As próximas pessoas para quem o segundo Will decide contar sobre sua condição é para seus dois únicos amigos da escola. Ambos reagem de forma natural e continuam conversando sobre outros assuntos. Tal declaração ainda lhe proporcionou fazer um novo amigo. Não digo que a situação deveria ser diferente, que o ideal seria haver conflitos com a família e com os amigos. A questão é que essa situação não condiz com a realidade e um jovem, ao se deparar com essa leitura, pode ser levado a acreditar que a situação é simples e descomplicada. No entanto, de acordo com Facco (2008, p. 84), “Lidar com a homossexualidade é sempre mais difícil para os adolescentes, justamente pela grande carga de preconceito sobre orientações sexuais consideradas “anormais””.

Um outro assunto abordado no livro são estereótipos que a sociedade ilustra das pessoas homossexuais: “*gays* são homens afeminados” e “*lésbicas* são mulheres masculinizadas”. No entanto, os autores brincam com esses estereótipos na história. Ao mesmo tempo que Tiny é alto e tem traço mais viril, ele é muito espalhafatoso e adora cantar, dançar e saltitar pelos corredores da escola. Enquanto que o segundo Will possui traços mais delicados e é mais sério e reservado.

O enredo do livro tem como pano de fundo a produção de um musical elaborado pelo personagem Tiny Cooper. Inicialmente, o musical se chamava *Tiny Dancer* e o objetivo era contar a sua trajetória de vida. Posteriormente, o personagem percebe que o que ele realmente quer transmitir com o musical não é a história da sua vida, mas sim a celebração do amor, o

que o faz mudar o nome do musical para ‘Me abraçe mais forte’. “[...] a peça não pode ser sobre mim. Precisa ser sobre algo ainda mais fabuloso: o amor” (GREEN; LEVITHAN, 2015, p. 215). A vista disso, nota-se que a principal mensagem difundida com a leitura desse livro é “que o amor é um sentimento inerente ao ser humano, seja qual for a sua orientação sexual e o objeto de sua afeição” (FACCO, 2008, p.).

5.3 YAQUI DELGADO QUER QUEBRAR A SUA CARA

Meg Medina é uma premiada escritora americana que já publicou seis livros, todos direcionados ao público juvenil. Filha de pais cubanos, mas nascida e criada nos Estados Unidos, também trabalha em projetos comunitários de apoio a jovens latinos e à literatura. No Brasil foi publicado o livro *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*, pela editora Intrínseca no ano de 2015.

Figura 10 – Capa do livro *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*



Fonte: Google Imagens ([20--?])

Nesse livro iremos conhecer Piddy, uma adolescente de 15 anos que se transferiu recentemente para a escola Daniel Jones High School. Ela é filha de uma cubana e de um dominicano, porém a personagem nasceu nos Estados Unidos. Em decorrência disso, Piddy não tem sotaque e apesar de se considerar uma menina latina, sua fisionomia é mais similar a uma cidadã americana: “Branca. Sem sotaque. [...] Não tenho nada a ver com a ideia que ela

tem de latina” (MEDINA, 2015, p. 12). Assim sendo, na escola ela não consegue fazer parte do grupo dos alunos latinos.

Na primeira vez que fui ao refeitório, fiquei plantada com a bandeja nas mãos avaliando as redondezas. Os orientais estavam amontoados mais ou menos no centro. Os negros tinham um grupo de mesas só deles. Identifiquei a zona latina na mesma hora, mas entre as pessoas sentadas ali não havia ninguém que eu tivesse visto nas aulas. Quando me aproximei, alguns dos garotos sorriram e cutucaram uns aos outros, mas nenhuma das garotas parecia disposta a me dar espaço. Na verdade, foi bem apavorante o jeito como me encararam. Por sorte, Darlene me chamou. (MEDINA, 2015, p. 11).

Em um certo dia, Piddy é interpelada no corredor da escola por uma aluna com o propósito de lhe passar o seguinte recado: Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara! No entanto, a personagem não conhece ninguém com esse nome e nem sabe o motivo da briga. Darlene, sua amiga, é quem tenta lhe esclarecer a situação: “– Yaqui Delgado odeia você. Diz que você se acha demais para quem acabou de chegar. E quer saber quem você pensa que é para sair rebolando desse jeito. – Darlene baixa a voz e acrescenta: – Ela até chamou você de *cadela*. Desculpe” (MEDINA, 2015, p. 8).

Inicialmente, Piddy não dá atenção à ameaça. Entretanto, quando atos de violência são cometidos contra ela, a menina percebe que o conflito é real e começa a ficar transtornada com o caso:

Darlene e eu estamos a caminho da aula de matemática, e ela está reclamando do boato sobre o teste-surpresa do sr. Nocera quando alguém me dá um tapa na nuca. Acontece tão rápido que a princípio penso que foi sem querer. Sou mesmo muito idiota. Só percebo que estou com um problema sério quando ele já me engoliu inteira. (MEDINA, 2015, p. 48).

O principal tema abordado no livro é a questão do *bullying* escolar, que segundo Grillo e Santos (2015), é “uma violência onde há uma relação desigual de poder, isto é, o agressor tem poder sobre a vítima, geralmente pelo fato de que muitas vezes ele se apresenta ser maior fisicamente do que o alvo, intimidando ainda mais, fazendo com que o alvo se considere uma pessoa fraca, sem condições de acabar com essa situação” (p. 62).

Se eu contar a ele sobre o que tenho sofrido com Yaqui, só vou piorar as coisas. Ser dedo-duro quer dizer que você é fraco demais para cuidar de si mesmo. Que precisa de um adulto como escudo. Aonde isso vai me levar? Vou ser mais pária social do que já sou; vai ser a deixa para qualquer um me perseguir. (MEDINA, 2015, p. 112).

O *bullying* pode acontecer de forma física e/ou verbal e se caracteriza por ocorrer de “maneira repetitiva, deliberada e intencional, onde a vítima se sente excluída e constrangida, além de afetar seu rendimento e sua auto estima [...]” (p. 62).

Estou sentada na Cadeira da Cadela e não sabia? Mesmo quando cubro a palavra com o fichário, sinto como se todo mundo soubesse, como se a mensagem fosse dirigida a mim. Foi assim que Yaqui me chamou, não foi? Será que ela tem espiões nesta sala? Será que é ela que está me espionando, não o contrário? Olho ao redor em busca de suspeitos, mas todo mundo está com a mesma expressão entediada. (MEDINA, 2015, p. 39).

Piddy sofre *bullying* frequentemente, primeiro na escola e depois a violência passa a ocorrer fora da instituição também. Consequentemente, a menina passa a viver sob constante medo, resultando em um comportamento agressivo, inseguro e retraído. “– Nos últimos tempos não tenho visto a Piddy que conheço. Você diz que não tem mais ninguém a perturbando na escola, mas não vai à aula. Briga com a sua *mami* o tempo todo, desaparece de casa. Não quer trabalhar” (MEDINA, 2015, p. 229).

De acordo com Grillo e Santos (2015, p. 67), existem alguns tipos de indivíduos que participam do *bullying*. Para análise desse livro, citarei apenas três. O primeiro deles seria o agressor, que “possui em sua personalidade traços de desrespeito e malvadeza, é considerado maldoso, impulsivo e mau caráter”. Na história a agressora é a Yaqui Delgado, uma menina pouco mais velha que as demais alunas da escola. A personagem tem ficha criminal, mas recebeu uma segunda chance do diretor da Daniel Jones High School.

Outro indivíduo identificado no livro é a vítima típica, uma pessoa “que sofre as consequências de comportamento agressivo de outras pessoas (agressores)” (GRILLO; SANTOS, 2015, p. 66). Nesse caso pode-se citar a personagem Piddy, que sofre *bullying* diariamente na escola: “Darlene está reclamando das notas que tiramos no teste-surpresa de física quando uma caixinha de achocolatado chega zunindo pelo ar. O projétil bate na parede atrás de mim e explode como o Big Bang” (MEDINA, 2015, p. 48).

Existe também o espectador, “sujeito [que] não pratica e nem sofre o Bullying, mas presencia e adota como característica o silêncio” (GRILLO; SANTOS, 2015, p. 67). Na história a amiga de Piddy, não concorda com o ato de violência, mas prefere se manter em silêncio, pois tem receio de se tornar a próxima vítima. Para exemplificar tal afirmação, menciono a passagem na qual Piddy é agredida por Yaqui e tem seu colar roubado. Sua amiga Darlene presenciou a cena, mas pede para que ela não a envolva, caso decida fazer alguma

reclamação ao diretor: “– Você não vai contar, vai? – Sussurra ela. – Se contar, me deixe de fora, pelo amor de Deus. Eu não quero ser testemunha” (MEDINA, 2015, p. 82).

A Daniel Jones High School, possui um programa chamado “Enfrente/Denuncie”, no qual estimula o aluno a combater o *bullying*. No entanto, muitos não têm a coragem de fazer a denúncia, por medo de que a situação piore, como é a condição de Piddy: “Percorro mentalmente todas as possibilidades. E se ela não for expulsa? Além do mais, já ficou provado que ela sempre pode me encontrar fora da escola, o que é ainda pior” (MEDINA, 2015, p. 263). No caso da personagem, ela toma a iniciativa de fazer uma queixa contra Yaqui, após um dos seus amigos fazer uma denúncia anônima ao Enfrente/Denuncie. Isso mostra a importância das pessoas não se calarem mediante as ocorrências de violência.

Portanto, debater esse tema é essencial para que os jovens se conscientizem de que o *bullying* não é uma brincadeira. Praticar *bullying* pode gerar inúmeros problemas em quem é agredido, tais como sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar e depressão (GRILLO; SANTOS, 2015). É importante também, que se compreenda que por mais que você não pratique de fato a ação, seu silêncio e/ou sua presença diante da violência contribui para que o *bullying* continue acontecendo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desse trabalho pode-se notar que a leitura é muito mais do que apenas decifrar letras. Ler é saber interpretar a informação disponibilizada, reconhecendo o sentido do objeto a ser lido, a fim de transformar a informação em um novo conhecimento. Para isso, é importante que a leitura esteja alinhada com a realidade e os objetivos do leitor, pois

O gosto pela leitura só poderá existir se o ato de ler for ao encontro das verdadeiras motivações dos leitores. É importante lembrar que a ausência de “motivação” para a leitura [...] está [...] ligada ao reconhecimento, pelos leitores, de que os textos lhes são impostos não lhes dizem respeito (nem social, nem psicologicamente) e à consciência, por estes leitores, de que o ato de ler, em si, não lhes trará maiores gratificações ou recompensas na sociedade em que vivem. (AVERBUCK, 1984, p. 34).

Vimos também que existem três tipos de leitura, que se complementam entre si: a leitura sensorial, ligada aos sentidos do ser humano, a leitura emocional, que evoca as lembranças e os sentimentos do leitor no decorrer da leitura e a leitura racional que irá induzir o leitor à reflexão do que se está sendo lido.

A leitura sensorial tem um tempo de duração e abrange um espaço mais limitado, em face do meio utilizado para realizá-la – os sentidos. Seu alcance é mais circunscrito pelo aqui e agora; tende ao imediato. A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias pela vivência anterior do leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; se inclina, pois, à volta ao passado. Já a leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento acerca do texto lido. (MARTINS, 1989, p. 80-81).

Sob esse panorama, percebeu-se que o ato de ler inicia-se na infância e tende a se aprimorar conforme o leitor dá continuidade à prática da leitura. Todavia, para que este desenvolva o prazer pelo ato de ler é importante que conte com o auxílio de um mediador de leitura, que lhe oriente para uma leitura reflexiva.

Para medirmos a contento o ato de ler é fundamental que saibamos que a literatura é mais que papel, tinta, palavra – ela é Vida, é experiência. Não basta mostrarmos como o tema é construído na obra, é necessário que o discutamos, buscando as vivências e o repertório dos alunos, “atualizando-o” por comparações com “fatos” cotidianos e contemporâneos: aí reside o prazer estético, chave para um bem-sucedido ato de leitura. (PINA, 2014, p.24).

O folhetim foi o precursor da literatura de massa, surgindo para proporcionar uma nova forma de entretenimento à mais recente comunidade de leitores: a classe operária. Com isso, a linguagem utilizada passa a ser mais próxima da cotidiana, com textos mais curtos e com enredos que se aproximem da realidade do leitor, a fim de que este possa ter uma leitura mais fruída. Tal posicionamento é contrário ao proporcionado pela literatura culta, cujo o foco está centrado na técnica romanesca, isto é, nos recursos linguísticos do texto.

[...] entende que esta categoria atende a um público que, anteriormente, não era consumidor de literatura e que necessitava de um produto com características específicas para ele. [...] Assim, a literatura de massa vem “democratizar” esta cultura literária anteriormente restrita a certos segmentos da sociedade, adaptando-a para uma nova realidade. Para tanto, utiliza-se de aspectos estruturais e estéticos específicos. (ARANHA, 2009, p. 126).

Entretanto, observou-se que a literatura de massa é vista como uma literatura inferior, pois não é avaliada por instituições acadêmicas, sendo motivada pela demanda do mercado de massa. Assim sendo, renomados críticos literários acreditam que esse tipo de literatura não fornece informação que conduza o leitor a pensar criticamente, além de conter uma linguagem empobrecida. No entanto,

[...] penso que cada leitor tem a capacidade de definir, por ele mesmo, se determinado texto literário é bom ou não (para ele, naturalmente). Contudo, para que possa fazê-lo, é necessário que se convença disso, sabendo que não existe uma única maneira correta (geralmente a dos “críticos qualificados”) de interpretar um texto. Ele deve libertar-se dos condicionamentos que dizem, não apenas o que é bom e o que é ruim, mas indicando uns poucos privilegiados considerados capacitados para formular críticas válidas. (FACCO, 2008, p. 153-154).

Isto posto, o presente trabalho objetivou analisar se literatura de massa abarca algum conteúdo informacional que leve o leitor a pensar criticamente, tendo a intenção de ressaltar a importância de estudos relacionados à temática no campo da Biblioteconomia, pois nota-se que é necessário que os profissionais bibliotecários, principalmente aos que atuam em bibliotecas comunitárias, escolares e públicas, cujo o acervo se constitui, predominantemente com livros de literatura de massa,

[...] conheça muito bem todo o seu acervo e o perfil dos seus usuários, possibilitando assim que haja uma dinâmica e um compartilhamento de informações entre o bibliotecário e seus usuários, transformando a biblioteca no espaço onde possa haver a troca de idéias. O mesmo estará qualificado para atender ao seu público, orientando-os ao encontro o que necessitam e buscam, executando seu papel de mediador. (DINIZ, 2011, p. 6-7)

Para responder à problemática do presente trabalho e atingir o objetivo geral proposto, selecionou-se três livros que figuram na lista de “melhor ficção para jovens adultos” pela associação americana YALSA: *Por lugares incríveis*, *Will & Will* e *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*. O propósito da YALSA é fornecer uma lista de livros que auxiliem bibliotecários, livreiros e editores na recomendação de obras que apresentem conteúdo de qualidade para os jovens na faixa etária de 13 aos 18 anos.

No livro “*Por lugares incríveis*”, a escritora Jennifer Niven abordou a temática suicídio e sua relação com os problemas psicológicos, tais como depressão e transtorno bipolar. Observou-se que a autora, atentou-se para essa questão, devido a sua convivência com pessoas que possuíam comportamentos suicidas. Ao longo da leitura a autora demonstrou ter realizado pesquisas sobre o tema, pois em algumas passagens, houve a menção de fatos e dados estatísticos, bem como citações de grandes escritores, como *Vírginia Woolf* que, assim como o seu personagem, cometeu o suicídio. No final do livro, encontra-se uma lista de organizações que auxiliam no debate e prevenção ao suicídio e a problemas relacionados à saúde mental, além de um mapa do estado de Indiana e uma lista dos lugares, com suas respectivas curiosidades, pelos quais os personagens passaram para realizar o trabalho de geografia.

Em *Will & Will* é posto em discussão pelos autores John Green e David Levithan, as relações homossexuais e em como elas ainda são mal vistas por grande parte da população. Houveram questionamentos quanto ao preconceito de quem possui amizade com homossexuais, aos estereótipos que são reproduzidos pela sociedade e a dificuldade de assumir sua orientação sexual, principalmente na adolescência. Apesar deste último aspecto ter sido pouco aprofundado e ter apresentado divergências com a realidade. Entretanto, um dos pontos negativos do livro foi a utilização recorrente de palavrões por parte dos personagens.

Já em *Yaqui Delgado quer quebra a sua cara*, a autora Meg Medina trouxesse o questionamento sobre o *bullying* escolar, nos mostrando por meio de seus personagens como é a realidade de quem sofre a violência e/ou de quem presencia a agressão, mas que por medo de se tornar a próxima vítima não denuncia, bem como os problemas físicos e, principalmente psicológicos que são gerados em decorrência da ação. Do mesmo modo, é destacado a relevância dos programas de combate ao *bullying* e a importância de não se calar diante desse crime. Ao longo do livro, a autora também nos apresenta alguns termos em espanhol, com a intenção de introduzir o leitor na cultura latina.

Assim sendo observou-se que os três livros apresentaram os quatro aspectos recorrentes utilizados na literatura, mencionados no tópico 3 (f. 25): o mítico, a atualidade informativa-jornalística, o pedagogismo e a retórica culta ou consagrada (SODRÉ, 1985). Ressaltando que:

A função [...] normativa da literatura de massa é [...] ajustar a consciência do indivíduo ao mundo (confirma-lo como sujeito das variadas formações ideológicas), mas divertindo-o (ao contrário do sermão, da pregação ou da doutrinação direta), como num jogo. Por isto, a narrativa trabalha com formas já conhecidas ou facilitadas de composição romanesca e com elementos mitológicos (SODRÉ, 1978, p. 35).

À guisa de conclusão, verificou-se que o leitor crítico é aquele que diante de qualquer texto assume um papel ativo durante o ato de ler, isto é, o leitor crítico participa da leitura contrapondo seu conhecimento prévio com a informação fornecida pelo texto. Em decorrência dessa ação, o leitor poderá atingir um novo grau de conhecimento.

No momento em que o leitor depara-se com um texto literário, não é apenas a imaginação que é acionada: recursos cognitivos como a atenção, a memória, o esforço mental, a vontade, a disponibilidade, o estabelecimento de relações, a seleção e as inferências também são. E são essas inferências que contribuirão para a atribuição de um significado ao texto. (QUADROS, 2008, p. 3547).

Por fim, entende-se que a leitura de livros de literatura de massa nos proporciona entretenimento, contudo também há a presença de questões sociais que nos conduzem a um pensamento reflexivo. Isso ocorre porque a literatura oferece um meio “de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis o fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos” (COMPAGNON, 2009, p. 47).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Paula Pachega da Silva; FERNANDES, Célia Regina Delácio. Clássicos e best-sellers: teorias e práticas. In: ECONTRO "DIÁLOGOS ENTRE LETRAS", 1., 2011, Dourados. **Anais...** Dourados: Editora UFGD, 2011. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/eventos/edel/trabalhos/ALBUQUERQUE,%20Ana%20Paula%20Pachega%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. [Website]. Chicago: ALA, c2016. Disponível em: <<http://www.ala.org/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- ANTUNES, Benedito. A literatura juvenil na escola. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, n. 22, p. 11-29, 2013. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579501.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2016.
- ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e mercado. **Revista CONTRACAMPO**, Niterói, n. 20, p. 121-131, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/11/26>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- ARAÚJO, Mayara Regina Pereira Dau. Formação de leitores e best-sellers: uma relação possível. **Travessias**, Paraná, v. 8, n. 3, p. 76-88, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/11066>>. Acesso em: 7 fev. 2016.
- AVERBUCK, Ligia M. A questão da leitura ou a crise da escola. In: YUNES, Eliana (Org.). **A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. p. 29-36.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.
- BARBOSA, Gerliane Kellvia Amâncio; RODIGUES, Andrea Maria Rocha; OLIVEIRA, Marilândia Sabino de. A utilização de estratégias de leitura: reflexões sobre a habilidade da compreensão leitora em adolescentes. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 161-185, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1630/1478>>. Acesso em 8 fev. 2016.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59/79>>. Acesso em: 14 fev. 2016.
- BERUTTI, Mariangeles. **Funcionamento familiar e tentativa de suicídio em pacientes com transtorno afetivo bipolar**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03022016-113531/pt-br.php>>. Acesso em 30 jun. 2016.

BIDERMAN, Iara. Taxa de suicídios entre jovens cresce 30% em 25 anos no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, equilíbrio e saúde, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1292216-para-cineasta-que-fez-filme-sobre-suicidio-da-irma-desinformacao-leva-a-tragedia.shtml>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

BORGES, Ana Gabriela Simões; ASSAGRA, Andressa Grilo; ALDA, Clarisse Guterres López (Org.). **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010. Disponível em: <<http://www.institutogrpcom.org.br/clientes/irpc/portal/Files/News/file/livro-leitura.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

BORGES, Igor Alexandre Barcelos Graciano; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. Letramento literário: desenvolvimento do senso crítico do aluno. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 21, n. 61, p. 805-813, jan./abr. 2015. Suplemento. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/61supl/053.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

BORTOLIN, Sueli. **A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. [233] f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2001. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf>. Acesso em 23 fev. 2016.

CASTRO, Andressa Gonçalves. **A literatura fantástica e o incentivo à leitura para jovens e adolescentes**. 2014. 34 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<http://www.pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/351/3/AGCastro.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COZER, Raquel. Literatura juvenil ganha subdivisões e alimenta discussão sobre perfis dos leitores. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 14 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganha-subdivisoes-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

CRUZ, Márcia. O papel da biblioteca no processo da leitura. In: YUNES, Eliana (Org.). **A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. p. 43-46.

DERING, Renato de Oliveira. Questões de literatura de massa e crítica literária. **Revista Litteris**, Niterói, n. 13, p. 431-440, set. 2013. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Questoes_De_Literatura_De_Massa_E_Critica_Literaria_-_Renato_de_Oliveira_Dering.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

DINIZ, Jaíene Gomes et al. O bibliotecário como agente incentivador da leitura: apresentação do projeto de extensão Doutores da Leitura. In: ENCONRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2011.

Disponível em:

<<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTEC%C3%81RIO%20COMO%20AGENTE%20INCENTIVADOR%20DA%20LEITURA%20Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Projeto%20de%20Extens%C3%A3o%20Doutores%20da%20Leitura..pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

DIOGO, Julia Esteves Fernandes. **Chick lit**: a literatura da mulher moderna. 2014. 71 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014. Disponível em:

<<http://www.pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/537/1/JDiogo.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; ROCHA, Flávio Amorim da. Literatura de massa na escola: uma proposta de letramento literário. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 28, p. 247-259, dez. 2015.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/89994/107106>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

FABRIS, Márcia Gabriel Becker. **Formação do leitor sob o olhar da literatura**. 2009. 47 f. Monografia (Especialização em Língua e literatura com ênfase em nos gêneros do discurso) – Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2009. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F06.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_71a70e64cd6e52d1cbe81b5f1f1cab22/Details>.

Acesso em: 30 jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GASPARINO, Adriana de Moura et al. O caminho histórico percorrido pelo livro na preservação do conhecimento: do manuscrito ao digital. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB, 2007. Disponível em:

<http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss04_04.pdf>.

Acesso em: 22 maio 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GREEN, John; LEVITHAN, David. **Will & Will**: um nome, um destino. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

GRILLO, Mariana Aparecida; SANTOS, Ana Caroline Silva. Bullying na escola. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p. 61-74, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/1414/1540>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

HOPPEN, Natascha Helena Franz. **O adolescente contemporâneo e seus interesses literários**. 2011. 98 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37541/000819876.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LANI, Adriano Ramon. **A literatura da cultura de massa**. [20--?]. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-literatura-cultura-massa.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

MACHADO, Raquel. Trabalhando com gêneros literários: relato de experiência na biblioteca do Colégio da Lagoa, em Florianópolis (SC). **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 311-321, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/511>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARTINS NETO, Afranio Pedro; DERING, Renato de Oliveira. Conceituações de literatura de massa e posições do herói em O Hobbit, de J. R. R. Tolkien. **Revista Litteris**, Niterói, n. 11, mar. 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/3263876/Conceitua%C3%A7%C3%B5es_De_Literatura_De_Massa_E_Posi%C3%A7%C3%B5es_Do_Her%C3%B3i_Em_O_Hobbit_De_J.R.R._Tolkien>. Acesso em: 19 fev. 2016.

MEDINA, Meg. **Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MEIER, Bruno. Uma geração descobre o prazer de ler. **Veja**, São Paulo, Especial, ano 44, n. 20, p. 98-108, 18 maio 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Lucia Lima do; PINTO, Valdir Batista; VALE, Helena Cristina Pimentel do. O livro, a biblioteca e a leitura: conhecer o passado para entender a (r)evolução tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1423/1424>>. Acesso em: 22 maio 2016.

NIVEN, Jennifer. **Por lugares incriveis**. São Paulo: Seguinte, 2015.

ORANGE, Dolores. A contribuição da discussão sobre a importância da literatura no processo de formação de novos leitores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 3., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S5/doloresorange.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: um manual para profissionais da saúde em atenção primária. Genebra, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. **Prevenção do suicídio**: um recurso para conselheiros. Genebra, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

PALACIO, Raquel Jaramillo. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PAZ, Eliane H. Massa de qualidade. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: FCRB, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianehpaz.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

PENTEADO, Maria Inês Piva. **A literatura infantil e juvenil e o bibliotecário mediador de leitura**. 2010. 21 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/5930/A%20Literatura%20infantil%20e%20juvenil%20e%20o%20bibliotec%C3%A1rio%20mediador%20de%20leitura.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETRONI, Maria Rosa; OLIVEIRA, Edsônia de Souza. Livro didático de língua portuguesa: formando o leitor e o produtor de textos?. **Polifonia**, Cuiabá, v. 17, n. 21, p. 132-146, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/polifonia/article/view/8/8>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos**: formando leitores hoje. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/A_Literatura_em_Quadrinhos.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2016.

PINHEIRO, Alexandra Santos; DAU, Mayara Regina Pereira. O que é literatura?: leituras dentro e fora da escola. **Revista Linguagem**, São Carlos, jan./jun. 2012. Edição 18. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/044.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2016.

PONCIANO, Jéssica Kuarak; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Best-seller e games: a iniciação do jovem no universo literário. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 102-115, jan./jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2014v10n1p102>>. Acesso em: 30 maio 2016.

QUADROS, Deisily de; ROSA, Viviane Cristine Dias. Formação de leitores: um dedo de prosa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/681_518.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2016.

QUADROS, Imara Pizzato et al. Literatura entre os jovens? Será? Como?. **UNOPAR Científica, Ciências Humanas e Educação**, Londrina, v. 15, n. especial, p. 419-423, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/humanas/article/viewFile/469/437>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

RAMOS, Ana Margarida; FONSECA, Ana Daniela. Tendências da literatura juvenil contemporânea: os temas fraturantes na obra de Ana Saldanha. **Literartes**, São Paulo, n. 4, 89-106, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/89312>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro: 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte, 1996.

RODRIGUEZ, Simone Meirelles. Leitoras com coração: usos de leitura dos romances sentimentais de massa. **Revista Letras**, Curitiba, n. 65, p. 23-37, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/4294/3443>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

SANTOS, Marcus Vinícius Machado dos. A leitura como prática cotidiana e motivacional: da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 29-37, jan./jul. 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/462/579>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SIERAKOWSKI, Ana Paula de Castro. **Literatura de massa e formação do leitor: o letramento de receptores da saga crepúsculo do papel às telas**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2012. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/apcsierakowski.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SILVA, Bertolina Maria Ribeiro e. **Literatura de massa: desfazendo preconceitos**. 2004. 72 f. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília. 2004. Disponível em:

<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3452/2/20057320.pdf>>. Acesso em 23 jun. 2016.

SILVA, Gabriel Machado Rodrigues da. **Leitores vorazes: literatura jovem e distopia no mundo atual**. 2014. 122 f. Monografia (Especialização em Literatura infantil/juvenil) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/10939878/Leitores_vorazes_Literatura_jovem_e_distopia_no_mundo_atual>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SILVA, Luiza Trópia. **A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter**. 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-9QUGPQ>>. Acesso em: 22 out. 2015.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1978.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel. Literatura de massa na formação do leitor literário. **Darandina Revisteletrônica**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

TJADER, Joyce Toscano. **O amor é best-seller: uma análise sobre os romances de Nicholas Sparks**. 2013. 66 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí. 2013. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2171/Anota%C3%A7%C3%B5es%20monografia%20ingl%C3%AAs%20pdf.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 maio 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VITAL, Egberto Guillermo Lima; DUARTE, Vanusa Batista da Costa. Leitura de best seller em sala de aula: o que pensam os professores. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA E DE LITERATURA, 9., 2015, Paraíba. **Anais eletrônicos...** Paraíba: Editora UFCG, 2015. Disponível em: <<http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Egberto-gt-21.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016. p. 1-19.

YOUNG ADULT LIBRARY SERVICES ASSOCIATION. [Website]. Chicago: ALA, c2016. Disponível em: <<http://www.ala.org/yalsa/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

YUNES, Eliana (Org.). **A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

_____. **Linguagem, educação e cultura: leituras**. Salvador: Secretaria de Cultura do estado da Bahia; Fundação Pedro Calmon, 2012. Disponível em:

<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/oqecultvol_4_yunes.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2016.

_____. (Org.). **Pensar a leitura**: complexidades. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; WAGNER, Tânia Maria Cemin. Leitura do texto literário: prazer e aquisição de conhecimentos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 387-401, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1816/1580>>. Acesso em: 27 fev. 2016.